

# Nos Desertos de al-Zarqawi: da Al-Qaeda ao 'Estado Islâmico'

Vasco Rato

*Professor de Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Lusíada de Lisboa.*

## **Resumo**

Este artigo traça a evolução ideológica do 'Estado Islâmico', desde as suas origens, ainda conhecido como Al-Qaeda no Iraque, até aos dias de hoje. Destaque particular é dado às divergências teóricas que levaram à rutura entre a Al-Qaeda e o 'Estado Islâmico', e que conduziram à emergência deste como um rival da organização liderada por Osama bin Laden e Ayman al-Zawahiri.

## **Abstract**

*In the Deserts of al-Zarqawi: from Al-Qaeda to the 'Islamic State'*

*This essay traces the evolution of the 'Islamic State' from its origins as Al-Qaeda in Iraq to the present. Particular attention is paid to the ideological influences and that are common to Al-Qaeda and the 'Islamic State', as well as the differences that, ultimately, led to the emergence of 'Islamic State' as an independent, rival of Al-Qaeda.*

Quando, no dia 1 de maio de 2011, Barack Obama comunicou ao mundo a morte de Osama bin Laden, uma parte significativa da opinião pública americana (e europeia) concluía que o jihadismo deixaria de ameaçar o Ocidente<sup>1</sup>. Poucos anteviam que, a breve trecho, se assistiria ao surgimento de um grupo jihadista consideravelmente mais radical na sua ideologia e bárbaro na sua *praxis*. Todavia, no verão de 2014, os inimagináveis crimes do 'Estado Islâmico', incluindo as decapitações e a destruição deliberada de património cultural da humanidade, desfaziam as ilusões quanto à verdadeira natureza do jihadismo.

Com efeito, a Al-Qaeda e o 'Estado Islâmico' partilham uma história longa e uma identidade comum<sup>2</sup>. Na realidade, só recentemente as duas organizações seguiram rumos diferentes porque o 'Estado Islâmico', fruto das suas divergências com a liderança central da Al-Qaeda, embarcou num caminho autónomo. A Al-Qaeda no Iraque (AQI) adotou, em outubro de 2006, a designação Estado Islâmico do Iraque (EII). Posteriormente, em abril de 2013, muda o nome para 'Estado Islâmico do Iraque e Sham' (EIIIS) – também conhecido por 'Estado Islâmico do Iraque e Levante' (EIIIL) –, denominação que conservaria até junho de 2014, quando passa a intitular-se, simples mas não menos significativamente, o 'Estado Islâmico' (EI)<sup>3</sup>. Como ficará evidenciado neste texto, as múltiplas alterações de nome expressam as fases de mutação ideológica do grupo, tal como a evolução dos seus objetivos políticos. O intuito deste artigo é, antes de mais, traçar a evolução do 'Estado Islâmico'. Mas, considerando que a entidade que hoje conhecemos pela designação 'Estado Islâmico' foi, ao longo de anos, a filial iraquiana da Al-Qaeda, urge analisar o surgimento do grupo criado por Osama bin Laden e a ideologia que a Al-Qaeda professa. A compreensão dessa ideologia é, na realidade, o segundo propósito deste ensaio: visa-se apontar as influências teóricas que moldaram o jihadismo e as diferenças de *praxis* que conduziram ao divórcio entre a liderança central da Al-Qaeda e da AQI. A figura marcante neste processo de divergência entre as duas organizações é Abu Musab al-Zarqawi, cujo uso da violência extrema contra a comunidade xiita do Iraque abriu o caminho para os conflitos ideológicos e políticos com a liderança da Al-Qaeda e, mais tarde, levou à criação do Estado Islâmico<sup>4</sup>. Convém entender este processo para que possamos perceber que a violência bárbara do

---

1 Sobre a confirmação da morte de Osama bin Laden por parte da Al-Qaeda ver Reza Jan (2011). Para uma discussão sobre as consequências na política americana da morte de Osama bin Laden ver John Rollins (2011).

2 As diferenças e semelhanças entre as duas organizações são tratadas em Daniel Byman (2015).

3 Os mais completos trabalhos sobre o Estado Islâmico incluem, *inter alia*: Fawaz A. Gerges (2016), Michael Griffin (2016), William McCants (2015), Joby Warrick (2015), Michael Weiss e Hassan Hassan (2015), Jessica Stern e J. M. Berger (2015) e Patrick Cockburn (2015).

4 Sobre a vida e influência de al-Zarqawi, ver Jean-Charles Brisard (2005) e Loretta Napoleoni (2005). Ver também Mary Anne Weaver (2006).

‘Estado Islâmico’ não é um acidente de percurso, reside no código genético deste grupo.

Não parece ser excessivo concluir que o Estado Islâmico, tal como ele hoje existe no Iraque e na Síria, é, a médio prazo, insustentável. Grande parte, se não a totalidade, do território que ocupa será reconquistado. Até porque os Estados Unidos e a Rússia entendem que a degradação do ‘Estado Islâmico’ passou a ser um imperativo geopolítico. Mas a destruição do ‘Estado Islâmico’ não é sinónimo de destruição do jihadismo. Também por isso urge entender as raízes da Al-Qaeda/‘Estado Islâmico’ e, sobretudo, a visão do mundo que motiva os seus dirigentes e combatentes.

### **O Emergir do Jihadismo**

Tal como a Al-Qaeda, o ‘Estado Islâmico’ insere-se no movimento sunita salafista – a palavra *salafista* deriva de *Salaf*, a primeira geração de muçulmanos – que, na sua essência, é uma orientação que visa purificar a fé através do regresso aos exemplos e pureza religiosa da primeira geração de muçulmanos (Wiktorowicz, 2006). Contudo, e em comparação com a Al-Qaeda, o ‘Estado Islâmico’ representa uma corrente salafista consideravelmente mais dogmática na sua ideologia e violenta na sua *praxis*.

Duas grandes influências marcam o pensamento salafista. Desde logo, os escritos de Sayyid Qutb, influente militante da Irmandade Muçulmana, fundada no Egito em 1928 por Hassan al-Banna. A Irmandade advogava a tomada gradual do poder a partir da hegemonização da sociedade civil, isto é, através do ativismo social regenerador do Islão<sup>5</sup>. A longo prazo, pretendia estabelecer o califado. Doutrinalmente flexível, a Irmandade, ao contrário do ‘Estado Islâmico’, não é inerentemente hostil a outras correntes muçulmanas, tais como o xiismo ou o sufismo (Griffin, 2016, p. 13). Também ao contrário do ‘Estado Islâmico’, e porque largamente mantém-se distante da política, usualmente rejeita a violência como instrumento de mudança social e política.

A segunda influência que marca profundamente o salafismo é o wahabismo, movimento fundado no século XVI por Muhammad ibn Abd al-Wahhab, líder religioso inspirado pelos escritos de Ahmad ibn Taymiyya, um teólogo do século XIV (DeLong-Bas, 2004). Convém recordar que as origens da Arábia Saudita moderna remontam ao século XVIII, quando al-Wahhab arquitetou uma aliança com Muhammad ibn Saud, chefe da tribo dominante em Dariyya, local próximo de Riade<sup>6</sup>.

---

5 Sobre a Irmandade Muçulmana ver Gilles Kepel (2012) e Carrie Rosefsky Wickham (2013). Sobre as diferenças entre a abordagem da Al-Qaeda e da Irmandade Muçulmana ver Marc Lynch (2010).

6 Sobre a história do wahabismo na Arábia Saudita ver Alexei Vassiliev (2000) e John S. Habib (1978).

Formam um movimento religioso-político que conquista a Arábia central, incluindo as cidades santas de Meca e Medina, e une as tribos em volta da reconstituição da comunidade de crentes, estabelecida pelo profeta Maomé no século VII. Este movimento – e o Estado a que deu origem – seria desmantelado pelo Império Otomano.

Mas Abdulaziz ibn Saud, descendente de Muhammad ibn Saud, conseguiu, em 1932, criar o atual Estado saudita, assente na autoridade política da família Al Saud e na autoridade religiosa dos wahabitas<sup>7</sup>. Abdulaziz ibn Saud invoca aos exemplos proporcionados pela vida de Maomé para legitimar o novo Estado saudita, e incentiva a criação de comunidades de crentes cujos membros, instruídos em artes militares e matéria religiosa, prosseguiram uma vida genuinamente islâmica. Altamente motivados pelas exigências da fé, levaram as suas guerras religiosas para toda a Península Arábica. Legitimadas pelos wahabitas, estas guerras em prol do “verdadeiro” Islão permitiram à família Al Saud cimentar um Estado moderno a partir de tribos nómadas que, até então, se guerreavam em permanência. Esta autoridade, assente numa interpretação espartana do Islão, sustinha a legitimidade da monarquia, mas amarrava a casa real aos interesses e preocupações do *establishment* religioso.

Contrariamente a outras correntes do Islão, o wahabismo distingue-se pela interpretação puritana, fundamentalista da fé, incluindo o entendimento literal do Corão e da *Sunnah*, os exemplos deixados por Maomé para imitação – *hadith* ou *sunnah*<sup>8</sup>. Esta abordagem restrita, exclusivista dos wahabitas levou-os a denunciar outras correntes islâmicas como idólatras, e a enfatizar a *jihad* para contrariar os não-crentes (*kufir*). A *jihad* era, pois, entendida como uma obrigação no caminho da constituição da comunidade de crentes. Este legado histórico do wahabismo, e a interpretação asséptica do Islão que os guerreiros do deserto perfilhavam, teria uma influência marcante nas linhas ideológicas traçadas pela Al-Qaeda e, mais tarde, pelo Estado Islâmico.

Nas últimas décadas do século XX, no mundo árabe, assistiu-se à emergência de grupos islamitas violentos influenciados pela Irmandade Muçulmana e por salafistas de persuasão wahabita. Entre estes grupos encontrava-se o egípcio ‘Jihad Islâmica’, liderado por Ayman al-Zawahiri – colaborador próximo e, posteriormente, sucessor de Osama bin Laden na liderança da Al-Qaeda –, e os argelinos Grupo Islâmico Armado (GIA) e Grupo Salafista para a Predicação e Combate (GSPC)<sup>9</sup>. Líderes e combatentes do Estado Islâmico participaram nestes grupos ou foram

---

7 A vida do fundador do Estado saudita moderno é tratada em Barbara Bray e Michael Darlow (2012) e Nestor Sander (2009).

8 Sobre estas questões ver Natana J. DeLong-Bas (2004), capítulos I e II.

9 Sobre estes grupos ver Springer, Regens e Edger (2009).

grandemente inspirados pelo seu exemplo. Representativos de uma primeira geração jihadista, estas organizações pretendiam derrubar os regimes dos seus respetivos países e substituí-los por Estados islâmicos. A Al-Qaeda partilhava destes objetivos, mas traçava uma estratégia diferente, enfatizando o combate ao “inimigo longínquo”, ou seja, privilegiava ataques contra os Estados Unidos de forma a enfraquecer os seus Estados clientes no Médio Oriente<sup>10</sup>.

Por conseguinte, e muito por causa das atividades da Al-Qaeda, o jihadismo contemporâneo tem sido dominado pela vertente mais exclusivista do salafismo. Se é verdade que tanto a Al-Qaeda como o ‘Estado Islâmico’ se inserem na tradição salafista, é igualmente verdade que o ‘Estado Islâmico’ adota uma severidade doutrinal que torna inevitável a rutura com a Al-Qaeda. Esta versão radical traçada pelo ‘Estado Islâmico’ deve-se, sobretudo, à *praxis* de Abu Musab al-Zarqawi, fundador e líder da Al-Qaeda no Iraque, e à influência doutrinal do *scholar* islâmico Abu Muhammad al-Maqdisi<sup>11</sup>.

As linhas mestras do pensamento do ‘Estado Islâmico’ enfatizam vários princípios que acolheram a aceitação da generalidade dos grupos jihadistas; *inter alia*, “verdadeiros” muçulmanos devem conviver apenas com muçulmanos “genuínos” e cortar laços com os restantes; governos que não assentam exclusivamente na lei de Deus (*sharia*) são infiéis; combater (mesmo que pacificamente) o ‘Estado Islâmico’ equivale a apostasia; muçulmanos xiitas são apóstatas e, por isso, merecedores da morte; a Irmandade Muçulmana e o Hamas traíram o Islão (Bunzel, 2015, p. 10). Se é verdade que a generalidade dos grupos jihadistas aceita estes princípios, é igualmente verdade que nenhum é tão implacável como o Estado Islâmico na sua aplicação.

Um importante aspeto doutrinal do ‘Estado Islâmico’ prende-se com a conceção da *jihad* defensiva, um conceito também utilizado pela Al-Qaeda<sup>12</sup>. Porque considera que o Médio Oriente assiste a um ataque ao Islão por parte de regimes laicos (apostatas) árabes e das potências cruzadas ocidentais que os sustentam, o EI apela à *jihad* defensiva contra os faraós. Contudo, o ‘Estado Islâmico’ distingue-se dos restantes jihadistas pelo ênfase que coloca na *jihad* ofensiva. Trata-se de uma abordagem historicamente associada à tradição wahabita, que urge os verdadeiros muçulmanos a travar um combate permanente contra a idolatria (*shirk*).

Acontece que a “*jihad* ofensiva” preconizada pelo ‘Estado Islâmico’ dirige-se, em primeiro lugar, contra os xiitas, cujas práticas religiosas são vistas pelos salafistas como idolatria. As diferenças históricas em volta de questões teológicas que separam sunitas e xiitas são críticas, mas, por si só, não explicam a inimizade do ‘Estado

---

10 A mais completa análise do tema pode ser encontrada em Fawaz A. Gerges (2005).

11 Para uma avaliação do pensamento de al-Maqdisi ver Joas Wagemakers (2009).

12 Para uma discussão sobre os significados de *jihad* ver Noor Mohammad (1985).

Islâmico’ relativamente ao xiismo. A hostilidade deve-se ao facto de os salafistas acreditarem que, nos tempos atuais, existe um projeto expansionista, tutelado pelo Irão, para criar um eixo xiita a estender-se de Teerã a Beirute. Daí a urgência de combater o Irão e seus aliados, entre os quais se encontram os partidos xiitas iraquianos, os Houthis do Ansar Allah no Iémen, o Hezbollah do Líbano e o regime alauita de Bashar al-Assad<sup>13</sup>.

Perante as divergências que hoje separam o ‘Estado Islâmico’ e a Al-Qaeda, *scholars* salafistas regularmente expressam concordância com a Al-Qaeda. Para além das lealdades que os ligam à liderança da Al-Qaeda, os *scholars* tendem a rejeitar – ou, no mínimo, sentirem-se desconfortáveis – com a extrema violência, incluindo as decapitações, do ‘Estado Islâmico’<sup>14</sup>. Também são críticos dos excessos quanto à prática de *takfir* – a prática de declarar outros muçulmanos como apostatas –, justificando, assim, a sua morte. Tudo isto se torna mais compreensível quando se acrescenta que o ‘Estado Islâmico’ se considera o sucessor do original Estado wahabita, antes de este ser irremediavelmente corrompido pelos Al Saud (al-Ibrahim, 2014). Por isso mesmo, impõe-se a qualquer jihadista apoiar o ‘Estado Islâmico’.

Para compreender as origens remotas do ‘Estado Islâmico’ e da Al-Qaeda, urge, antes do mais, referir três acontecimentos, todos ocorridos em 1979, que seriam determinantes para a evolução do jihadismo contemporâneo: a invasão soviética do Afeganistão, a revolução iraniana e, não menos crucial, a ocupação armada da Grande Mesquita de Meca por um grupo de fundamentalistas sauditas. Estes acontecimentos criaram o caldo político que fomentou a emergência do jihadismo contemporâneo.

Em 1978, o Partido Popular Democrático do Afeganistão, o partido comunista local, tomou o poder através de um golpe de Estado<sup>15</sup>. Permeado por batalhas intestinas entre fações, purgas e assassinatos, o regime gerou uma instabilidade crónica que obrigou a União Soviética, em 24 de dezembro de 1979, a invadir e ocupar o país a fim de evitar a decomposição do poder comunista afegão. Esta ação militar juntou a maioria sunita à minoria xiita numa guerra religiosa que atrairia Osama bin Laden e outros jihadistas para o Afeganistão pouco depois da invasão deste pelo Exército Vermelho. Nas remotas e inóspitas montanhas, Osama bin Laden cria a Al-Qaeda com o propósito de auxiliar os Mujahadin a combaterem o invasor soviético.

---

13 Sobre o “eixo xiita” ver Kayhan Barzegar (2008) e Vali Nasr (2007).

14 Ver, por exemplo, as declarações de dezembro de 2014 de Ahmed al-Tayeb, o Grande Imã da mesquita egípcia Al-Azhar em Joanna Paraszczuk (2014).

15 Sobre este período da história afegã ver Thomas Taylor Hammond (1984) e Anthony Arnold (1983). Sobre a invasão soviética e as suas consequências ver Gregory Feifer (2010) e Rodric Braithwaite (2011).

Também em 1979, na sequência das manifestações de massas que derrubaram a monarquia de Mohammad Reza Pahlavi, o ayatollah Ruhollah Khomeini regressa ao Irão após longos anos de exílio e, em abril de 1979, declara o estabelecimento de uma república islâmica<sup>16</sup>. Posteriormente, assume o papel de “Líder Supremo” da revolução, imprimindo assim o carácter teocrático do regime. Esta vitória dos revolucionários islâmicos iranianos provocou um terramoto nos países árabes circundantes – maioritariamente sunitas –, que temiam um regime determinado a exportar a sua revolução para a vizinhança. A revolução iraniana abriu, pois, um novo horizonte de possibilidades: o derrube de regimes ditatoriais através da ação de massas, a constituição de regimes teocráticos, o retorno às práticas sociais islâmicas mais “puras” e a rejeição da tradicional subserviência face aos Estados Unidos e às potências coloniais. Para muitos islamitas, tanto xiitas como sunitas, o Irão dos ayatollahs confirmava que o *status quo* poderia ser demolido, que a repressão dos faraós era incapaz de conter as forças da mudança.

Na manhã de 20 de novembro de 1979, a Grande Mesquita de Meca, o local mais sagrado do Islão, era ocupada por um grupo de fundamentalistas armados liderados por Juhaiman Saif al-Utaibi<sup>17</sup>. Centenas de muçulmanos foram sequestrados, enquanto as forças de segurança sauditas se mostravam incapazes de pôr fim à ocupação. As reivindicações do grupo demonstravam o grau de descontentamento relativamente à liberalização social (à ocidentalização) a decorrer na Arábia Saudita que, na ótica dos assaltantes, comprometia a pureza da fé. Passadas duas semanas, o rei Khalid autoriza a intervenção de comandos franceses e paquistaneses que põe termo à ocupação. Porque tropas infiéis tinham profanado o mais sagrado local do Islão, gerou-se uma onda de indignação contra a família Al Saud, incumbida de proteger os locais sagrados da fé.

Terminada a crise, o objetivo de al-Utaibi – pôr fim à corrupção moral e política da família Al Saud – ganha crescente ressonância no reino. Para neutralizar o desagrado que alastrava pelo país, a família Al Saud cede perante o *establishment* wahabita. Concessões são feitas com o intuito de travar algumas das reformas liberalizantes, particularmente no tocante aos costumes. As atividades do Movimento Despertar Islâmico (*Sahwa*), que se bate contra a corrupção e pelo inequívoco regresso à *sharia*, passam a ser toleradas<sup>18</sup>. Mais importante, o regime vê-se forçado a renovar o seu compromisso quanto à exportação do wahabismo, pelo que inicia um vasto programa de construção de mesquitas e madraças em vários países muçulmanos, onde o radicalismo religioso aumenta à medida que o wahabismo se

---

16 Estudos indispensáveis sobre a revolução iraniana incluem, *inter alia*: Roy Mottahedeh (2002), Michael Axworthy (2013), Con Coughlin (2010) e Baqer Moin (1999).

17 Sobre estes acontecimentos ver Yaroslav Trofimov (2007).

18 Sobre o movimento *Sahwa* na Arábia Saudita, ver Stéphane Lacroix (2010).

dissemina. Por último, Riade adere inequivocamente à *jihad* afegã, assumindo um papel crítico no fornecimento de fundos e armas para os Mujahadin<sup>19</sup>. É neste quadro de crescente intervencionismo externo por parte da Arábia Saudita que Osama bin Laden decide juntar-se à *jihad* no Afeganistão, país onde combateram numerosos jihadistas que, mais tarde, se juntariam ao 'Estado Islâmico'.

### Os Ideólogos: Sayyid Qutb e Abdullah Yusuf Azzam

Para resolver os problemas atuais do mundo muçulmano, os islamitas oferecem uma leitura ideológica que visa cumprir objetivos políticos específicos. Todas as correntes islamitas – incluindo a jihadista – partilham uma narrativa quanto às linhas gerais da experiência histórico-religiosa muçulmana. Proporcionam uma explicação para a questão essencial que se coloca aos muçulmanos: por quê a decadência da civilização islâmica? Por quê a estagnação do mundo muçulmano nos tempos modernos? A convicção de que o “atraso” enfraqueceu a civilização islâmica, sentida de forma particularmente intensa no mundo árabe, gera, por sua vez, uma preocupação com a regeneração do mundo islâmico<sup>20</sup>. Os islamitas propõem uma saída para este problema, uma saída enraizada nas tradições islâmicas.

Ser-se muçulmano obriga à adesão a duas fontes de ensinamento islâmico: a palavra divina de Alá tal qual foi revelada a Maomé pelo anjo Gabriel e transcrita no Santo Corão, e as ações do profeta – leis conhecidas por *hadith* ou *sunnah* (Dallal, 2000, p. 347). São estas duas fontes que sustentam a organização política da *umma* – a comunidade composta por todos os muçulmanos –, cujo paradigma é a comunidade originária de crenças, estabelecida em Medina por Maomé após a sua fuga de Meca em 622, e consolidada nesta cidade após o regresso do profeta a Meca em 630. É precisamente este modelo político que os jihadistas pretendem reproduzir nos tempos modernos.

Jihadistas que enfatizam a obediência às leis porque o Islão privilegia a submissão à vontade de Deus. Por isso, acreditam que a *sharia* deve constituir a única fonte de direito e de identidade cultural no mundo muçulmano. Entre as várias correntes islamitas, os salafistas são os mais irredutíveis na rejeição de “governos modernos”; em alternativa, advogam a construção de entidades políticas – calafates – de acordo com a primeira geração de intérpretes dos ensinamentos de Maomé. Os salafistas são principalmente influenciados pela escola de Hanbali, em muito semelhante ao wahabismo saudita. Jihadistas, incluindo os seguidores de Osama bin Laden, enquadram-se na tradição salafista. A luta contra os regimes seculares/moderniza-

---

19 Sobre o jihadismo na Arábia Saudita e o apoio internacional concedido pelo governo de Riade à internacionalização da *jihad* depois do assalto às mesquitas de 1979, ver Thomas Hegghammer (2010).

20 Sobre este tema ver Bernard Lewis (2002) e Tamim Ansary (2009).



dores do mundo muçulmano, aos quais são atribuídas responsabilidades pela decadência do mundo islâmico, sobressai como elemento crítico da narrativa jihadista. Nascido no Egito em 1906, e executado em 1966, Sayyid Qutb, o mais influente pensador contemporâneo islamita, acreditava que o mundo muçulmano deixara de ser “genuinamente islâmico” porque a *sharia* não era assumida como fonte única de direito e organização política<sup>21</sup>. Mantinha, por isso, que era necessário constituir uma vanguarda capaz de demolir paradigmas de cariz não-islâmica, incluindo o socialismo Baath e o nacionalismo árabe, que, com o advento do Estado moderno, conduziram à degradação da “identidade islâmica”. Trata-se, pois, de uma mensagem que explica a decadência da civilização islâmica<sup>22</sup>.

A radicalização de Qutb cimentou-se quando, em 1948, aos 42 anos de idade, inicia uma estadia prolongada nos Estados Unidos. Parte para a América convencido de que as diferenças entre o capitalismo e o comunismo mascaravam o facto de ambos valorizavam a dimensão material da vida em prejuízo da espiritual. Nesse sentido, o conflito que opunha a democracia ao comunismo era uma disputa dentro da modernidade ocidental; um confronto entre membros da mesma família materialista que virara as costas a Deus. Daí que a linha divisória da contemporaneidade era entre o materialismo ocidental e a espiritualidade muçulmana. Em suma, a verdadeira clivagem residia na incompatibilidade entre o Ocidente cristão e o Oriente islâmico.

A residir nos Estados Unidos, em Greeley no Colorado, Qutb concluía que a decadência evidenciada pelo materialismo e pela permissividade sexual, que o egípcio dizia ter encontrado na América, se generalizara no Ocidente (Siegel, 2003). A rejeição da América era, no fundo, o repúdio da modernidade – a sociedade laica, democrática e individualista que a América simbolizava. As grandes conquistas da modernidade – a separação de Estado-Igreja, do indivíduo e o coletivo, do material e do espiritual – eram anátema para Qutb, a raiz de todos os males. A ilação extraída não poderia ser mais clara: o Islão e a modernidade eram, simplesmente, incompatíveis. E na medida exata em que a modernidade avançava nos países islâmicos, independentemente de ser propulsionada por regimes socialistas, nacionalistas ou pan-arabistas, o Islão seria, fatalmente, corrompido. Retomar a grandeza da civilização islâmica passava, portanto, pela rejeição da modernidade e por um regresso ao Islão pré-moderno<sup>23</sup>.

Tal linha de pensamento explica o comportamento político de Qutb após o seu regresso ao Egito, em agosto de 1950. Confronta-se com um país situado numa

---

21 Sobre a vida e o pensamento de Sayyid Qutb, ver Ibrahim M. Abu-Rabi (1996) e John Calvert (2013). Para uma crítica do pensamento de Qutb ver Dale C. Eikmeier (2007).

22 O livro mais influente de Qutb é Sayyid Qutb, s.d., *Milestones*. Damascus: Dar Al-Ilm.

23 Ver Sayyid Qutb (s.d.), capítulos III e XII.

complexa encruzilhada, atirado para a antecâmara da revolução. Dois anos antes, o regime do rei Faruk ilegalizara a Irmandade Muçulmana. Mas porque a Irmandade já se tinha consolidado como movimento de massas, a ilegalização seria insuficiente para salvar a monarquia. Por conseguinte, em 1952, aconteceu o inevitável: o rei Faruk é derrubado pelo Movimento dos Oficiais Livres, fundado por Gamal Abdel Nasser e Anwar al-Sadat na sequência da derrota militar de 1948. Numa primeira fase, os conspiradores militares e a Irmandade Muçulmana empenham-se em construir pontes, o que leva ao convite feito a Qutb para assumir o cargo de ministro da Educação no novo governo republicano. Todavia, rapidamente se torna claro que a visão teocrática dos islamitas e o projeto modernizador/socialista dos militares consubstanciavam caminhos e fins não compagináveis. As tensões agudizam-se à medida que a junta militar cai sob a influência de Nasser e do seu nacionalismo pan-árabe. No seguimento do atentado contra Nasser, em 26 de outubro de 1954, a Irmandade Muçulmana, acusada de participar no planeamento do assassinato, é ferozmente reprimida. Acusado de ser um dos conspiradores, Qutb é preso e executado.

Se o pensamento de Sayyid Qutb indiretamente influenciou a formação político-ideológica da Al-Qaeda e do 'Estado Islâmico', Abdullah Yusuf Azzam influencia-a direta e profundamente. Respeitado homem de ideias, foi o mais prestigiado *scholar* religioso a assumir a causa da *jihad* afegã. Através dos seus escritos, e da sua ação no terreno no Afeganistão, onde correu risco de vida, moldou o movimento islamita contemporâneo.

Nascido em 1941, no seio de uma família palestina residente na Faixa Ocidental da Jordânia, Azzam parte para o exílio quando os israelitas conquistam este território durante a guerra de 1967<sup>24</sup>. Militante da Irmandade Muçulmana, refugia-se no Cairo, onde obtém um doutoramento em jurisprudência islâmica (*fiqh*) pela conceituada Universidade Al-Azhar. Regressa à Jordânia, mas, em resultado do seu ativismo político, é expulso da faculdade da Universidade de Amã. Aceita lecionar na Arábia Saudita, em Jeddah, e conhece o jovem estudante Osama bin Laden na Universidade Rei Abdul Aziz. Em 1981 aceita um lugar na Universidade Islâmica Internacional de Islamabad, no Paquistão, onde permanece até 1986, ano em que se dedica por inteiro à *jihad* afegã. Também será no Paquistão, na cidade de Peshawar, que, em 24 de novembro de 1989, Azzam é assassinado por desconhecidos.

Na ótica de Azzam, a decadência do mundo islâmico era indissociável do domínio exercido pelas potências ocidentais, consolidado em finais do século XIX e no início do século XX. Em particular, a desagregação do Império Otomano abriu caminho à

---

24 Os dados biográficos de Azzam podem ser encontrados em Sheikh Abdullah Azzam (s.d.). Ver também Trevor Stanley (s.d.).

criação do sistema de Estados nacionais nos territórios do Islão, uma forma de organização política que mais não era do que uma imposição colonial destinada a dividir a *umma* (Azzam, s.d.). Pan-islâmica na sua essência, a mensagem formulada por Azzam não consubstanciaria apenas uma rejeição do nacionalismo subjacente aos Estados que emergiram no Médio Oriente no seguimento do desmoronamento do Império Otomano. Para além da divisão territorial do mundo islâmico, outras questões inquietavam Azzam. Definiu as ideologias de cariz ocidental – tais como o socialismo Baath e o nasserismo – como imposições coloniais desenhadas para propagar a divisão do Islão. Na medida em que a modernização preconizada pelos regimes árabes seculares se encontrava enraizada em ideologias de cariz ocidental, a solução que se impunha era o derrube dos regimes que subscreviam esse paradigma e, depois, o regresso ao Islão genuíno do profeta.

Rompendo com a organização política assente em Estados, Azzam advogava o estabelecimento de um califado que englobasse a totalidade das terras muçulmanas. A *jihad* era, pois, um instrumento para, a longo prazo, reunificar o mundo islâmico de modo a permitir a sua regeneração. Por exemplo, em resposta à invasão soviética do Afeganistão, Azzam enfatizava o dever individual de aderir à *jihad* porque se tratava de uma “*jihad* defensiva”; isto é, perante a investida contra terras muçulmanas por um agressor infiel, impunha-se aos crentes o dever de defender a fé através da *jihad* (Azzam, s.d.). Foi esta visão do mundo que tão profundamente seduziu Osama bin Laden e Ayman al-Zawahiri.

### **A Fundação da Al-Qaeda**

Nascido em Riade, em 10 de março de 1957, Osama bin Laden cresceu no caldo cultural wahabita do reino, uma influência reforçada pela devoção à fé existente no meio familiar<sup>25</sup>. Em 1984, na cidade paquistanesa de Peshawar, Azzam e Osama lançaram o Maktab al Khidmat lil Mujahidin al-Arab – ou MAK, *Bureau* de Serviços Afegão – para promover ações de propaganda, angariar fundos e recrutar combatentes para a guerra contra os soviéticos (Coll, 2004, pp. 155-157). No dia-a-dia, o MAK disponibilizava roupas, alimentos e habitação para os voluntários árabes que chegavam ao Paquistão para se juntarem à resistência afegã. Concebendo o MAK como um polo de atracção para formar uma vanguarda de jihadistas capaz de auxiliar muçulmanos que enfrentavam a agressão em qualquer parte do globo, Azzam estabeleceu uma rede de recrutamento e financiamento mundial que, posteriormente, seria absorvida pela Al-Qaeda.

Abdullah Azzam e Osama bin Laden fundaram a Al-Qaeda em 1988 com o intuito de congregar os jihadistas árabes que, nesse momento, se encontravam no Afega-

---

<sup>25</sup> Sobre a vida e o pensamento de Osama bin Laden, ver Michael Scheuer (2011), Thomas R. Mockaitis (2010) e Jonathan Randal (2005).

nistão combatendo ao lado dos Mujahadin<sup>26</sup>. A Al-Qaeda era nada menos do que o passo seguinte num trajeto comum, que remontava a 1984, entre Osama e Azzam. A chave para se entender a ressonância da Al-Qaeda no mundo muçulmano reside na forma como Osama bin Laden invocou a necessidade de restituir a grandeza do passado do Islão, que perdurou ao longo de séculos. Porque essa grandeza histórica contrasta marcadamente com a impotência do presente, Osama bin Laden aponta a profundidade da desilusão e do declínio que alastrou pelo mundo muçulmano. Em jeito de resposta, Osama apresenta um caminho para restaurar a grandeza do passado, um projeto de regeneração que busca a sua inspiração nos séculos passados. Assim se restauraria a dignidade a povos humilhados e vitimizados por potências estrangeiras e os seus colaboradores locais. A Al-Qaeda oferece, pois, uma visão mística, a possibilidade de voltar a um passado mais idealizado do que real. Eis a resposta à turbulência do mundo muçulmano em consequência dos efeitos da modernidade e da globalização, e a razão porque a narrativa da Al-Qaeda encontra ressonância.

Esta visão de Osama originou a característica verdadeiramente diferenciadora da Al-Qaeda: o seu alcance mundial. Contrariamente a outros grupos jihadistas, que se limitavam a combater os regimes dos países onde atuavam, a Al-Qaeda assumia que o seu campo de batalha não se restringia às terras muçulmanas. Estendia-se pelo mundo inteiro. Líder de uma organização verdadeiramente global num mundo globalizado, Osama bin Laden assumia-se como inspirador da *jihad* global que visava quebrar o domínio do mundo ocidental sobre o mundo muçulmano. À semelhança de Qutb e Azzam, Osama acreditava que o Estado territorial criado no Médio Oriente após o desmoronamento do Império Otomano não era a forma mais natural de organizar politicamente as sociedades islâmicas. Islamitas acreditam que a nação – a *umma* – engloba todos os muçulmanos, ou seja, o fator constituinte da comunidade que se organiza politicamente é a sua identidade religioso-cultural e não a sua ligação ao sangue e à terra. Nesse sentido, a civilização islâmica não reconhece fronteiras territoriais que dividem os muçulmanos. Por isso, a repressão de muçulmanos em qualquer parte do globo é um assalto à *umma* – a todos os muçulmanos<sup>27</sup>.

---

26 Existe uma vastíssima literatura sobre a Al-Qaeda, mas as mais importantes obras incluem: Fawaz A. Gerges (2011), Bruce Riedel (2010), Lawrence Wright (2007), Jason Burke (2004) e Rohan Gunaratna (2002).

27 A Al-Qaeda reiteradamente recordava que o sofrimento das populações muçulmanas mundiais não resulta exclusivamente das políticas prosseguidas por Washington. Se é verdade que Osama bin Laden identificava os Estados Unidos como o principal e mais imediato inimigo do Islão, era igualmente verdade que não se tratava do único inimigo. Em consequência, não surpreende que, repetidamente, o chefe da Al-Qaeda denunciasse a repressão conduzida contra as minorias muçulmanas em países tão diversos como a Índia, a Rússia, as Filipinas, a Bósnia e a

As investidas ocidentais ao longo de séculos contra as terras muçulmanas demonstram a determinação dos cruzados de dividirem a *umma*. Mas o líder da Al-Qaeda também reconhecia que o declínio islâmico não resultava da simples vontade dos cruzados. Responsabilizava igualmente os regimes “apóstatas” árabes – os regimes moderados, pró-ocidentais –, particularmente aqueles que tinham celebrado tratados de paz com Israel ou que permitiam a presença de tropas infiéis no seu território (bin Laden, 2002). Também refere que os desastres e as humilhações que assolavam os países muçulmanos, e o mundo árabe em particular, teriam sido evitados se as massas islâmicas não tivessem virado as costas ao Islão genuíno (bin Laden, 2002). Daí que a desgraça do Islão contemporâneo não seja resolúvel apenas através da substituição dos regimes apóstatas, mesmo que esse seja um passo necessário. Abandonado o caminho da verdade, do Islão genuíno, o problema era consideravelmente mais profundo. Para se penitenciarem por este abandono da religião, os muçulmanos tinham o dever de aderir à *jihād*. Se os muçulmanos vivessem a genuína fé e aderissem à *jihād*, a vitória sobre os infiéis era verosímil e a regeneração da civilização islâmica era certa.

A morte de Azzam, em novembro de 1989, permitiu a Osama bin Laden assumir-se como o líder incontestável da Al-Qaeda. Determinado a contribuir diretamente para o esforço militar no interior do Afeganistão, Osama começou a preparar os seus voluntários, até então incorporados nas fileiras dos mujahadin, mas raramente empregues em missões de combate. Era esta Al-Qaeda que bin Laden pretendia transformar na vanguarda da *jihād* mundial. Composta por guerreiros de várias nacionalidades – egípcios, magrebinos, sudaneses e, maioritariamente, sauditas e iemenitas – a unidade estreia-se no teatro das operações em agosto de 1987. Em março de 1989, nos arredores de Jalalabad, batalhas selváticas envolvendo os jihadistas prolongaram-se durante três meses. Jalalabad terminou numa pesadíssima derrota, e uns 170 jihadistas árabes acabariam por ser mortos. Ferido em combate, Osama emergiu como herói, e a sua fama generaliza-se no mundo islâmico.

### **Anos de Exílio**

Anunciada em 1988, a decisão de Mikhail Gorbatchov de abandonar militarmente o Afeganistão foi interpretada, como um singular triunfo do Islão depois das humilhações de 1948 e 1967 às mãos de Israel. Consumada a retirada do Exército Vermelho das terras afegãs, Osama nunca mais duvidou que as potências que oprimiam as populações muçulmanas poderiam ser derrotadas pela Al-Qaeda (Wright, 2007, p. 187)<sup>28</sup>. Se era possível obrigar a União Soviética a abandonar militarmente o Afe-

---

China. A necessidade de defender estas comunidades justificava que se transformasse a Al-Qaeda numa vanguarda militar capaz de agir em qualquer parte do globo.

28 Ver também Osama bin Laden (1998).

ganistão, não seria menos verosímil forçar outras potências igualmente poderosas a retirarem-se das demais terras muçulmanas. Este era um objetivo primordial do líder da Al-Qaeda, até porque, à semelhança de Azzam, Osama reclamava a reconquista das terras que, historicamente, tinham feito parte da *umma*. Contudo, não se limitava a buscar a recuperação de territórios perdidos. Ia mais longe ao reclamar a *jihad* para depor regimes árabes “apóstatas”; isto é, regimes que, por razões várias, abandonaram os caminhos do “verdadeiro Islão”. Mas o derrube destes regimes, por si só, não garantia a regeneração do mundo islâmico, até porque eram amparados pelo “inimigo longínquo”, particularmente Washington. Em suma, na ótica de bin Laden, o objetivo último da *jihad* era a reconstituição da *umma* e, não menos relevante, a recuperação das terras que foram islâmicas, incluindo a Palestina, a Somália e a Al-Andalus. Para isso, era necessário levar a guerra ao inimigo mais poderoso (ao inimigo longínquo), ao inimigo que sustentava os regimes árabes apóstatas (o inimigo próximo). Era, portanto, necessário levar a guerra aos Estados Unidos.

Embalados pelo sucesso conseguido contra o Exército Vermelho, os jihadistas da Al-Qaeda cometeram erros de análise que, depois do 11 de Setembro, acarretariam custos elevadíssimos para a organização. Desde logo, a derrota da potência soviética não significava que a potência americana, em circunstâncias idênticas, não suportaria os custos que levaram Moscovo a abandonar o Afeganistão. Por outro lado, a derrota da União Soviética simplesmente não teria sido possível sem o auxílio militar, diplomático, financeiro e logístico proporcionado aos Mujahadin pelos Estados Unidos, Paquistão e Arábia Saudita.

Em 1989, bin Laden deixa o Afeganistão e regressa à Arábia Saudita, onde é entusiasmaticamente acolhido como herói popular. Mas Osama choca com as realidades da política saudita, particularmente as alianças que o regime mantinha com governos que Osama considerava anti-islâmicos. As diferenças com a casa de Al Saud intensificam-se, e a relação com a família real rapidamente assume contornos de suspeição e antagonismo mútuo<sup>29</sup>. A permanência de bin Laden no reino coincide com o zénite do movimento ‘Despertar Islâmico’ (*Sahwa*), reunindo teólogos salafistas que, em finais da década de 1980 e no início da década de 1990, exigiam que a família real se comprometesse com a luta contra a corrupção e o regresso à *sharia*. Porque o movimento tinha sido inabalável quanto ao apoio dado à *jihad* afegã, Osama sempre mostrou grande simpatia pelo *Sahwa*. Confrontado com o aumento da contestação, o regime, em 1994, desencadeia uma forte vaga de repressão contra o movimento. Mas seria a invasão do Kuwait pelas tropas de Saddam Hussein que ocasionaria o afastamento definitivo entre Osama e a casa real saudita. Quando, em agosto de

---

<sup>29</sup> A perspetiva de Osama bin Laden sobre o regime saudita pode ser encontrada em Osama bin Laden (1996).

1990, Saddam Hussein ordena a invasão do Kuwait, temia-se que os campos petrolíferos da Zona Leste da Arábia Saudita fossem o alvo seguinte do tirano iraquiano. Osama bin Laden coloca os guerreiros da Al-Qaeda à disposição da família real, argumentado que os seus homens defenderiam o país contra as tropas iraquianas. Mas, à semelhança de 1979, quando a família real solicita tropas francesas para recuperar a Grande Mesquita de Meca das mãos dos fundamentalistas, o rei Fahd opta por recorrer à assistência militar da coligação internacional liderada pelos Estados Unidos. A entrada de forças infiéis em solo muçulmano pela segunda vez leva Osama a tecer duríssimas críticas à família real e aos *scholars* wahabitas que legitimaram a decisão (bin Laden, 1995).

Na sequência da decisão do rei Fahd de colocar forças infiéis no coração do Islão, e que permaneceriam na península após a derrota e retirada de Saddam Hussein do Kuwait, Osama assume-se como adversário aberto dos governantes sauditas. Mais tarde, em 1994, depois de Osama já ter abandonado o país, o rei Fahd retira-lhe a cidadania saudita. Por esta altura Osama já identificava a Arábia Saudita como um “mero protetorado dos EUA”, e o rei Fahd como um aliado dos regimes apóstatas árabes (bin Laden, 1995). A *jihad* defensiva da Al-Qaeda contra o inimigo longínquo era, ao mesmo tempo, uma guerra contra o regime saudita e outros regimes apóstatas que permitiam o domínio ocidental do mundo muçulmano.

Em 29 de dezembro de 1992, a Al-Qaeda executa a sua primeira ação terrorista quando, em Áden, no Iémen, bombardeia o Gold Mohur Hotel, utilizado por soldados americanos que se encontravam em trânsito para a Somália. Segue-se, pouco depois, a divulgação de uma *fatwa*, da autoria de bin Laden, a reclamar ataques contra americanos na Somália a fim de forçar a sua retirada do país. Ao mesmo tempo, a Al-Qaeda inicia treinos de jihadistas somalis, entre os quais se encontra Mohamed Atef, um dos terroristas que participa no 11 de Setembro (Gunaratna, 2002, p. 140).

Em 3 de outubro de 1993, um contingente de Rangers assalta um edifício situado no centro da capital e suspeito de servir de esconderijo de Muhammed Farrah Aidid, chefe de uma milícia somali. A operação termina num redondo fracasso e, nas horas que se seguem, desenrola-se a “batalha de Mogadíscio”. O desfecho desta batalha reforçava a convicção de Osama bin Laden de que era possível expulsar as forças americanas do Médio Oriente, tal como fora possível compelir os soviéticos a abandonarem o Afeganistão. Para quebrar a vontade da opinião pública americana, bastava matar soldados e exibi-los nos *media* internacionais, uma abordagem mais tarde adotada pela Al-Qaeda no Iraque. A decisão do presidente Clinton de ordenar a retirada da Somália, interpretada por Osama como a confirmação do “síndrome do Vietname”, incentiva a Al-Qaeda a prosseguir com a *jihad* (Mockaitis, 2010, p. 43). O “síndrome do Vietname” afigura-se como um dado crítico para compreender a leitura feita dos Estados Unidos por

Osama bin Laden, para entender por que mais tarde aprova os ataques de 11 de Setembro de 2001.

Ao mesmo tempo, para reforçar o número reduzido de veteranos da *jihad* afegã, a Al-Qaeda absorve um conjunto de grupos jihadistas, incluindo a 'Jihad Islâmica' egípcia, liderado pelo médico Ayman al-Zawahiri<sup>30</sup>. Osama bin Laden conhecera al-Zawahiri em 1986, no Afeganistão, através de Azzam. A 'Jihad Islâmica' foi absorvida pela Al-Qaeda porque al-Zawahiri cometera erros que enfraqueceram a organização, o mais crítico dos quais foi permitir a sua infiltração por agentes da polícia secreta de Hosni Mubarak. Em larga medida, al-Zawahiri junta-se a bin Laden porque, em virtude da infiltração policial, a organização estava severamente debilitada. Bin Laden e a Al-Qaeda foram, pois, a boia de salvação dos jihadistas egípcios. Se Osama era o líder indiscutível da Al-Qaeda, o médico egípcio, como seu número dois, viria a ter uma influência considerável no desenvolvimento da organização.

Antes de fundir a 'Jihad Islâmica' na Al-Qaeda, al-Zawahiri acreditava que o objetivo mais importante era assegurar o derrube do regime do Cairo porque os "inimigos próximos" teriam de ser depostos antes de se proceder com o combate aos "inimigos longínquos" (Al-Zayyat, 2004, pp. 60-72). Quanto a esta questão, a 'Jihad Islâmica' de al-Zawahiri em nada se distinguia dos restantes grupos islamitas ativos no Egito. No período que decorre entre a morte de Qutb (1966) e a invasão do Afeganistão (1979), todos partilhavam da convicção de que a aniquilação do inimigo próximo – o regime de Sadat/Mubarak – era uma pré-condição para destruir os inimigos longínquos – Estados Unidos e Israel. Por isso, em 1973, antes de Anwar al-Sadat atacar Israel, rejeitam alianças com o poder porque consideravam que o regime privilegiava o nacionalismo em detrimento do pan-islamismo. Azzam inverte esta narrativa ao argumentar que seriam os ataques aos inimigos longínquos que permitiriam a derrota dos inimigos próximos. Esta alteração conceptual, por sua vez, transformou as guerras periféricas, como a afegã, em teatros centrais da *jihad* global.

Depois de verificar que a Península Árabe estava sob a ocupação das tropas infiéis, Osama bin Laden adota a análise de Azzam. Pouco antes da sua morte, Maomé exigia aos muçulmanos a expulsão dos infiéis da Península Arábica. Este *hadith* do profeta impunha a todos os muçulmanos, e não apenas aos residentes da Arábia, a obrigação de expulsar os cruzados da região. Mas o *hadith*, na medida em que se dirigia às terras da Península Arábica, significava que, historicamente, o inimigo próximo, ou os invasores da região, era a mais premente preocupação. Ao colocar a prioridade no derrube do regime de Cairo, al-Zawahiri inseria-se nessa linha de

---

30 Ver Montasser Al-Zayyat (2004).



pensamento. Para Osama bin Laden, a presença das tropas americanas na Arábia Saudita alterava esta prioridade, ou, pelo menos, inviabilizava a distinção nítida entre inimigos próximo e longínquo. Fazer guerra à América era, simultaneamente, contribuir para derrubar a monarquia que transformara a Arábia Saudita num protetorado americano. Era precisamente esta realidade que fazia com que a América fosse, em simultâneo, tanto um inimigo próximo como um inimigo longínquo. Será esta revisão conceptual, e o papel de inimigo central atribuído por Osama aos Estados Unidos, que permite a colaboração entre os jihadistas de al-Zawahiri e os da Al-Qaeda. Porque Hosni Mubarak também era tido como um fantoche do poderio americano, a guerra contra os Estados Unidos equivalia a fazer a guerra contra o Cairo. Tratava-se, no fundo, de aplicar o *template* do Afeganistão à realidade do Médio Oriente. Acrescenta-se que a guerra contra os americanos era também entendida como um primeiro passo para recuperar as terras palestianas. Israel, à semelhança do Egito e da Arábia Saudita, era um Estado cliente de Washington. Por isso, a destruição do Estado hebraico invariavelmente passava pela derrota da América. Não era, portanto, só a estrada para Jerusalém que passava por Washington. As estradas para Riade e Cairo também por lá passavam.

### **A Jihad da Al-Qaeda**

Passou quase despercebida a declaração de guerra contra o Ocidente feita pela Al-Qaeda em 23 de agosto de 1996 (bin Laden, 1996). Imprescindível para entender até que ponto o jihadismo da Al-Qaeda se insere na tradição islâmica, a declaração, publicada no jornal londrino *Al Quds al-Arabi*, indica que Osama bin Laden via a Al-Qaeda como a continuadora da luta histórica dos muçulmanos pela regeneração da civilização islâmica. Por isso, as suas declarações, linguagem e referências simbólicas bebem da tradição, história e teologia do Islão. Desde logo, a Al-Qaeda destaca os exemplos de vida de Maomé, até porque estes são mais genuínos do que as interpretações dos *ulma*, os *scholars* religiosos nomeados e patrocinados pelos governos dos países árabes. À semelhança de outros salafistas, Osama privilegiou uma interpretação literal do Sagrado Corão. Considerando-se um reformista empenhado em remover do poder autocratas que abandonaram o verdadeiro Islão, as referências recorrentes ao profeta servem dois propósitos. Primeiro, uma vez que proporcionam um inequívoco contraste com a *praxis* dos regimes ditatoriais, as palavras e os exemplos do profeta deslegitimam a ação dos ditadores. Segundo, dado este contraste, Osama propõe uma organização política alternativa às ditaduras, ou seja, o regresso à organização política estabelecida por Maomé no século VIII, o califado.

A declaração de guerra de agosto de 1996 presta atenção especial ao “inimigo longínquo” americano. Exorta os muçulmanos a forçar a saída dos Estados Unidos da Arábia Saudita, ao mesmo tempo que condena a monarquia saudita por consentir

a permanência de um exército de infiéis nas terras mais sagradas do Islão (bin Laden, 1996). Descreve a família Al Saud displicentemente como a “sombra” da presença americana no reino, as marionetas de Washington. Justificam-se, assim, os atentados da Al-Qaeda aos interesses dos regimes tirânicos árabes aliados dos Estados Unidos. Mas porque estes regimes só sobreviviam em função do apoio político, militar e financeiro concedido pelos americanos, tornava-se necessário declarar guerra contra os Estados Unidos tal como os mujahadin afeçãs declararam guerra aos invasores soviéticos.

Qual, então, a natureza da guerra declarada por Osama bin Laden contra os Estados Unidos? Tratava-se de uma *jihad* defensiva – e, por conseguinte, inteiramente legítima – porque a atuação externa de Washington oprimia muçulmanos. Com efeito, o mais extraordinário ato de agressão cometido pelos EUA era, justamente, a presença das suas tropas nas terras sagradas do profeta. O *hadith* de Maomé a exigir a expulsão dos infiéis da Península Arábica não deixava dúvidas quanto à centralidade desta blasfémia. Todavia, o apoio concedido por Washington aos regimes apóstatas era, também, uma tremenda injúria aos muçulmanos porque, para além de reprimirem os seus adversários, os tiranos impediam a *umma* de praticar o verdadeiro Islão. Se estas razões não eram suficientemente poderosas para justificar a declaração de guerra contra a América, acrescentava-se que Washington garantia a segurança de Israel, território que, tendo, no passado, integrado a *umma*, seria sempre muçulmano. Cúmplice com o roubo das terras muçulmanas, Washington teria de ser derrotada para que Israel e os inimigos próximos árabes fossem depostos. Esta declaração de guerra de agosto de 1996 é seguida, em fevereiro de 1998, por uma *fatwa* emitida pela “Frente Islâmica Mundial contra Judeus e Cruzados”, uma entidade que agrupava a Al-Qaeda, a ‘Jihad Islâmica Egípcia’ de al-Zawahiri e quatro pequenos grupos<sup>31</sup>. Porque os Estados Unidos desencadearam a guerra contra Alá e o seu profeta, a *fatwa* de Osama bin Laden reclamava ataques contra cidadãos americanos e seus aliados – incluindo civis – em qualquer parte do mundo. A Al-Qaeda concluía, pois, que o dever dos muçulmanos era matar americanos em qualquer parte do mundo. Verdadeiramente notável nesta *fatwa* era o facto de Osama bin Laden não destringer entre alvos militares e civis. Para bin Laden, a distinção era artificial porque os cidadãos americanos eram cúmplices com as políticas do seu governo, pelo que todos eram terroristas. Todos eram, portanto, alvos legítimos da *jihad* defensiva instituída pela Al-Qaeda. Qual era a finalidade deste comando? Osama explicava que se visava libertar as mesquitas, Al-Aqsa situada em Jerusalém e a Mesquita Santa situada em Meca, das mãos do inimigo, obrigando-o a retirar os seus exércitos das terras islâmicas ocupadas.

---

31 O documento (*fatwa*) foi assinado por Osama bin Laden, Ayman al-Zawahiri e outros três representantes de grupos jihadistas. Ver World Islamic Front (1998).

As imagens de dois aviões a embaterem contra as Torres Gémeas de Manhattan na manhã de 11 de Setembro de 2001 são símbolos marcantes da época contemporânea. Escassos dias depois do 11 de Setembro, George Bush afirma que os Estados Unidos se encontram em guerra contra o terrorismo global<sup>32</sup>. Na sequência imediata dos ataques, Washington pune o Afeganistão, cujos líderes haviam concedido santuário à Al-Qaeda. Em 13 de novembro de 2001, a Aliança do Norte, apoiada por forças especiais americanas e pelo poderio da Força Aérea, captura Cabul.

A intervenção militar no Iraque na primavera de 2003 salda-se pelo rápido derrube de Saddam Hussein. Todavia, a fase subsequente da guerra – a ocupação e a transição para a soberania iraquiana – evidenciou sérios obstáculos e retrocessos. Dois dados explicam as dificuldades da ocupação: primeiro, a incapacidade de manter a ordem pública nos dias que seguiram à tomada de Bagdad e, depois, a decisão de dismantelar as Forças Armadas e a Administração Pública iraquianas. Esta tentativa de “debaathização” contribuiu para a mobilização da resistência às forças de ocupação e, como corolário, concedeu legitimidade aos grupos que se organizavam para expulsar as tropas da coligação, incluindo a Al-Qaeda no Iraque.

Face à deterioração da situação político-militar no Iraque, George Bush, em janeiro de 2007, anuncia um aumento de 20 mil tropas americanas no terreno, a fim de garantir a segurança em Bagdade e na província sunita de al-Anbar<sup>33</sup>. O aumento – *surge* – de efetivos americanos, supervisionado pelo general David Petraeus, inverteu a situação no terreno. As tribos sunitas ergueram-se contra a Al-Qaeda no Iraque e outras organizações que fomentavam a guerra civil entre xiitas e sunitas. A revolta das tribos contra os jihadistas exigia uma aproximação aos americanos, capazes de protegerem a minoria sunita e, assim, criarem condições para a sua integração no processo político. Quanto aos confrontos violentos que alastravam pela comunidade xiita, dividida entre o pragmatismo de Ali al-Sistani e o nacionalismo exacerbado de Muqtada al-Sadr e do seu Exército Mahdi, que exigia a retirada imediata das forças estrangeiras, o reforço do contingente americano permitia que fossem ocupadas as zonas até então dominadas pelas milícias<sup>34</sup>. Por outras palavras, a capacidade de controlar localidades através de uma presença permanente retirou à resistência grande parte da sua implantação no terreno.

---

32 Sobre a doutrina Bush, formulada após os acontecimentos de 11 de Setembro de 2001 ver Robert G. Kaufman (2007) e Vasco Rato (2008).

33 Sobre estes acontecimentos ver Thomas E. Ricks (2009).

34 Sobre o papel fundamental de al-Sadr durante a guerra civil iraquiana, ver Patrick Cockburn (2008).

### O Outro Caminho de al-Zarqawi

A ideologia do 'Estado Islâmico' aclarou-se no contexto da insurgência sunita que seguiu ao derrube de Saddam Hussein. Influenciada pelas correntes mais exclusivistas do salafismo, uma nova geração de jihadistas, oriundos de vários países muçulmanos, deslocou-se para o Iraque para combater os americanos e os seus aliados xiitas iraquianos. Um desses combatentes era o jordano Abu Musab al-Zarqawi, o verdadeiro arquiteto da transformação que leva a Al-Qaeda no Iraque a metaforizar no 'Estado Islâmico'.

A contribuição de al-Zarqawi para a singularidade ideológica do EI reside em duas inovações que surgiram da *praxis* da Al-Qaeda no Iraque durante a insurgência iraquiana: a rejeição absoluta do xiismo e, segunda, a determinação de restaurar o califado. Tanto a Al-Qaeda como o 'Estado Islâmico' enfatizavam a necessidade de criar, com a maior celeridade, o califado. Enquanto partilhava a ênfase que al-Zarqawi colocava no califado, a organização de bin Laden não via a sua realização com a mesma urgência. Por outro lado, o sectarismo de al-Zarqawi, particularmente a postura relativamente ao xiismo, gerou conflitos com a liderança da Al-Qaeda.

Nascido na Jordânia, em 1966, Ahmad Fadil Nazzal al-Khalayila torna-se conhecido pelo seu *nom de guerre* – Abu Musab al-Zarqawi. Apesar de possuir instrução religiosa (e escolar) mínima, afirmou-se, ainda na Jordânia, como um influente expoente da *jihad*. Em finais da década de 1980, abandona a Jordânia e rumo ao Afeganistão para se juntar à *jihad* antissoviética. No Afeganistão, torna-se politicamente cúmplice de Abu Muhammad al-Maqdisi, expoente do salafismo radical que al-Zarqawi, no Iraque, tentará implementar. Regressados à Jordânia, al-Zarqawi e al-Maqdisi são presos em 1994. Libertado do cativeiro em 1999, na sequência de uma amnistia declarada pelo governo de Amã, rumo à região afegã de Herat, onde estabelece um campo de treino para jihadistas árabes.

No Afeganistão, al-Zarqawi mantém-se distante da Al-Qaeda, recusando-se a prestar o juramento de fidelidade (*bay'a*) a Osama bin Laden. Após a investida militar americana no Afeganistão, al-Zarqawi, em 2002, instala-se na zona curda (norte) do Iraque, onde forma o Jamaat al-Tawhid wal-Jihad, o Grupo da Unidade de Deus e *Jihad* (Grier, 2004). Dois anos depois, em 2004, al-Zarqawi finalmente concede *bay'a* a Osama bin Laden, e, em consequência desse juramento, altera o nome da organização jihadista que lidera para Al-Qaeda no Iraque (AQI) (Griffin, 2016, p. 14)<sup>35</sup>.

Apesar de, na altura, o Iraque se encontrar sob a ocupação militar da coligação internacional liderada pelos Estados Unidos, al-Zarqawi mantinha que a principal ameaça à comunidade sunita iraquiana residia nos planos e ambições dos xiitas iraquianos (Brisard, 2006, p. 146). Afirmava que a presença americana era efémera

---

35 Ver ainda Jeffrey Pool (2004).

uma vez que as “forças cruzadas irão desaparecer hoje ou amanhã”; em contrapartida, a comunidade xiita afigurava-se como uma ameaça substancialmente mais alarmante na medida em que continuaria a ser o “perigoso inimigo dos sunitas” (Council on Foreign Relations, 2004). Com efeito, partindo desta leitura quanto a um conflito inultrapassável entre xiitas e sunitas, al-Zarqawi logicamente retira a conclusão óbvia: o perigo representado pelos xiitas era “maior e mais destrutivo para a comunidade muçulmana” do que o perigo americano (Council on Foreign Relations, 2004). Até porque, na ótica de al-Zarqawi, os xiitas, para conquistarem o poder no Iraque, iriam voluntariamente cooperar com os americanos.

Determinado a mobilizar os sunitas para a *jihad* no Iraque, o novo líder da AQI ordenava ataques contra a população xiita de forma a encetar uma guerra civil sectária para destrinçar os genuínos muçulmanos dos xiitas (*kafir*) (Wright, 2006). Numa carta enviada à liderança central da Al-Qaeda em fevereiro de 2004, al-Zarqawi explica a legitimidade de atacar os xiitas, argumentado que, na era moderna, a dissimulação histórica dos xiitas traduzia-se na tentativa de alargar a sua hegemonia regional através da construção de um grande Estado xiita do Irão até ao Líbano (Council on Foreign Relations, 2004). Munido destas convicções que atribuíam aos xiitas uma culpa coletiva por pretensos crimes ao longo da história, al-Zarqawi lança uma bárbara campanha de terror indiscriminado contra os xiitas iraquianos. Estava assim aberto o capítulo mais nefasto da guerra civil sectária que surge no Iraque após o derrube de Saddam Hussein.

Se, por um lado, al-Zarqawi e a liderança central da Al-Qaeda divergiam quanto aos xiitas, por outro, partilhavam a ambição de fundar um Estado no Iraque para servir como uma espécie de proto-califado<sup>36</sup>. Em julho de 2005, al-Zawahiri endereça uma carta a al-Zarqawi a definir os contornos da estratégia que pretendia ver seguida pela Al-Qaeda no Iraque (Global Security, 2005). Zawahiri traçava quatro fases distintas: (1) expulsar os americanos do Iraque; (2) estabelecer um Estado Islâmico; (3) expandir a *jihad* a partir do Iraque para os países circundantes e; (4) preparar para o inexorável confronto com Israel (Global Security, 2005). Quanto às prioridades, al-Zawahiri afirmava que os dois primeiros objetivos eram atingíveis a “curto prazo” (Global Security, 2005). Zarqawi concordava com as indicações, incluindo o estabelecimento do califado. Menos de um ano antes, já al-Zarqawi admitira que o califado poderia ser concretizado “pelas nossas mãos” (Bunzel, 2015, p. 14). Omissas as instruções transmitidas por al-Zawahiri estava a campanha de terror contra os xiitas iraquianos, conduzida por al-Zarqawi.

Em conformidade com a estratégia preconizando o estabelecimento do califado, a AQI formou, no dia 15 de janeiro de 2006, o Conselho Mujahadin Shura, entidade

---

<sup>36</sup> Estas divergências são abordadas em Aaron Y. Zelin (2014).

cujo chapéu congregava a AQI e cinco grupos jihadistas de menor dimensão (Associated Press, 2007). Formalmente liderado por um iraquiano, de modo a respeitar sensibilidades locais, o novo Conselho traça dois objetivos fundamentais (Atawn, 2015, p. 72). Primeiro, a unificação do movimento jihadista numa altura em que a popularidade da AQI era minada pela aliança entre as tribos sunitas e os Estados Unidos, estabelecida pelo general David Petraeus após o *surge* de tropas americanas. Aliança essa que, em larga medida, fora constituída como resposta dos chefes tribais sunitas às barbaridades cometidas pela AQI. Segundo, tal como articulado em abril, numa comunicação vídeo de al-Zarqawi, o Conselho era o “ponto de partida para o estabelecimento de um Estado islâmico” (Islamic State Times, s.d.).

### **A Rutura que se Adivinha**

Ironicamente, al-Zarqawi não vive para ver declarado o emirado em outubro de 2006; é morto a 7 de junho de 2006 num ataque aéreo americano. O escolhido para suceder a al-Zarqawi na chefia da Al-Qaeda no Iraque seria anunciado a 12 de junho de 2006 (Council on Foreign Relations, 2004). Colaborador próximo de al-Zarqawi, o egípcio Abu Hamza al-Muhajir – Abu Ayyub al-Masri – também partilhava um laço com a liderança central da Al-Qaeda – pertencera à Jihad Islâmica egípcia liderada por al-Zawahiri. Mas a organização herdada por al-Muhajir encontra-se em fase de mutação acelerada. No dia 12 de outubro de 2006, o Conselho Mujahadin Shura anuncia que, em resultado de uma nova aliança englobando várias fações jihadistas e líderes tribais sunitas, a Al-Qaeda no Iraque daria lugar a “Estado Islâmico do Iraque (EII)”, que formalmente nasce três dias mais tarde, a 15 de outubro de 2006 (Gerges, 2016, p. 103).

Esta mudança – a criação do ‘Estado Islâmico do Iraque’ – obriga a uma alteração da liderança do grupo. Hamid Dawud Khalil al-Zawi al-Baghdadi – iraquiano, ex-polícia do regime Baath de Saddam Hussein – substituiu o egípcio al-Muhajir, que assume o cargo de ministro de guerra no novo ‘Estado Islâmico do Iraque’. A alteração do nome e da liderança do grupo indicavam uma transformação de alcance maior. Uma vez que os curdos e xiitas tinham estabelecido zonas mais ou menos autónomas depois da invasão americana de 2003, o EII era apresentado como um Estado para os sunitas iraquianos. Libertar os sunitas iraquianos do domínio xiita significava desmembrar o Estado iraquiano. A rejeição das fronteiras coloniais e do espírito do Pacto Sykes-Picot (1916) não eram questões meramente teóricas; passaram a ser imperativos políticos. A alteração das fronteiras coloniais, por sua vez, possibilitava a tomada do primeiro passo rumo à criação do califado. Para todos os efeitos, o Estado Islâmico estabelecido no Iraque era o proto-califado conceptualizado por al-Zarqawi, um Estado para os muçulmanos do mundo.

Meses mais tarde, em janeiro de 2007, os *scholars* do Conselho *Sharia* do ‘Estado Islâmico’ emitiram uma declaração – “Informing Mankind of the Birth of the Isla-

mic State” – a justificar a criação do Estado Islâmico (Bunzel, 2016). O texto argumentava que as forças armadas americanas enfrentavam tremendas dificuldades no Iraque, enquanto o governo iraquiano dominado por xiitas resumia-se a uma farsa. Por isso mesmo, impunha-se (e existia a oportunidade) a criação do novo Estado. E porque os mujahadin detinham o poder nas zonas sunitas do Iraque, a declaração do novo Estado encontrava-se em conformidade com o exemplo do profeta aquando da sua partida de Meca para Medina, em 622 (Bunzel, 2016). Talvez seja desnecessário acrescentar que, na realidade, o território do recém-criado emirato do EII era superior àquele que Maomé estabelecera em Medina.

Dir-se-á que seria expectável que, com a criação do ‘Estado Islâmico’, se assistisse à unificação dos grupos jihadistas ativos no Iraque. Todavia, não seria assim. A realidade que é a fragmentação dos mujahadin expressa-se quando, no início de abril de 2007, o Exército Islâmico do Iraque tece violentíssimas críticas ao novíssimo Estado Islâmico (McCants, 2015, pp. 34-36). A causa imediata da ira do Exército Islâmico era um discurso proferido por Abu Umar al-Baghdadi, em meados de março, a caracterizar como “pecadores” todos os membros de grupos jihadistas que não lhe prestavam fidelidade<sup>37</sup>. Mas esta incipiente discussão em volta da legitimidade do ‘Estado Islâmico’ esvazia-se porque a crescente popularidade e sucesso do movimento tribal *Sahwa* (despertar) isola o ‘Estado Islâmico’ e o Exército Islâmico do Iraque.

Curiosamente, a decisão de estabelecer o ‘Estado Islâmico’ não fora objeto de consulta prévia com a liderança central da Al-Qaeda. Mesmo assim, e visivelmente agachado com o unilateralismo de al-Baghdadi, a liderança da Al-Qaeda expressa o seu apoio ao novo emirato. Publicamente, e apesar da desconfiança que contaminava o relacionamento entre as partes, al-Zawahiri saúda o estabelecimento do ‘Estado Islâmico’, apealando a todos os mujahidin no Iraque para a ele se juntarem (Bunzel, 2015, pp. 15-16). Pouco tempo depois, em dezembro de 2007, é a vez de Osama bin Laden defender o EI contra as críticas do Exército Islâmico do Iraque e outros grupos (bin Laden, 2008). Bin Laden afirma que não havia justificação para os sunitas iraquianos não prestarem *bay’a* a al-Baghdadi, e reprova a noção maximalista de que “total capacidade política é uma condição para estabelecer o emirato do Estado Islâmico no presente” (bin Laden, 2008). Acrescentou que, se assim fosse, o Islão jamais asseguraria um Estado. Reconhecendo que o poderio militar dos Estados Unidos permitia a Washington “fazer guerra a qualquer estado e derrubar o seu governo”, recordou que o emirato estabelecido pelo profeta também se encontrava cercado por vários inimigos (bin Laden, 2008). Sendo assim, para declarar o emirato, seria escusado esperar até que o Estado tivesse capacidade plena para exercer a sua soberania; isto é, a plena capacidade política não era condição *sine qua non* para conferir legitimidade à fundação do Estado.

---

37 Sobre o relacionamento entre as duas organizações ver Springer, Regens e Edger (2009).

Esta discussão chegaria à sua conclusão lógica em finais de 2007, altura em que Abu Umar al-Baghdadi proclama que a Al-Qaeda no Iraque encontrava-se “oficialmente dissolvida a favor do Estado Islâmico”. Ao mesmo tempo, al-Zawahiri afirmava que “nada existe hoje no Iraque chamado Al-Qaeda” (McCants, 2015, p. 17). O grupo Al-Qaeda no Iraque fundiu-se com outros grupos jihadistas no ‘Estado Islâmico’ do Iraque, um “emirato legítimo” (McCants, 2015, p. 19). As declarações, porém, mascaravam a tensão que, em privado, caracterizava as relações entre a Al-Qaeda e o EI. Na verdade, as declarações simultaneamente mascaravam e revelavam que o divórcio entre a Al-Qaeda e o EI estava prestes a ser consumado.

Quando, finalmente, chegam notícias fidedignas do Iraque à liderança da Al-Qaeda, al-Zawahiri fica estarelecido com a situação no país. Soubese que o ‘Estado Islâmico’ perdera o controlo de zonas que alegava controlar, tal como Ramadi. Adicionalmente, era simplesmente falsa a afirmação frequentemente feita por Abu Hamza al-Baghdadi quanto ao apoio que dizia ter obtido junto de vários sheiks sunitas no interior do Iraque. Iguamente espantoso seria a constatação de que, nos seus vídeos de propaganda, o ‘Estado Islâmico’ apresentava antigas operações como se fossem novas. Em suma, o grupo encontrava-se num estado de desnorre. Não surpreendia, pois, que a Al-Qaeda concluísse que o anúncio do novo Estado fora precipitado e a escolha de al-Baghdadi como “comandante dos fiéis” feita “de forma pouco rigorosa” (Bunzel, 2015, p. 22). Dito de forma diferente, a fundação do ‘Estado Islâmico’ fora um fracasso.

### **O Renascimento do Estado Islâmico**

Quando, nas proximidades de Tikrit, em 18 de abril de 2010, Abu Umar al-Baghdadi e Abu Hamza al-Muhajir são mortos durante uma operação conjunta de forças americanas e iraquianas, o ‘Estado Islâmico’ já tinha perdido praticamente todos os elementos constituintes de um Estado. Um mês depois, perante a degradação do projeto político do EI, o Conselho *Shura* nomeia um novo emir, Abu Bakr al-Baghdadi, ainda hoje líder do ‘Estado Islâmico’ (Griffin, 2016, pp. 4-7)<sup>38</sup>. Tal como o seu antecessor, al-Baghdadi adotou o título “comandante dos fiéis” e afirma ser descendente da tribo de Maomé (Qurayysh), legitimando a sua liderança através da descendência.

Baghdadi é o pseudónimo de Ibrahim ibn Awwad ibn Ibrahim ibn Ali ibn Muhammad al-Badri al-Samarrai, nascido em 1971, em Samarra. Depois de concluir o seu doutoramento em jurisprudência islâmica na Universidade Islâmica de Bagdade, prega em várias mesquitas. Em 2003 forma um pequeno grupo jihadista para resistir à ocupação, mas é preso pelas autoridades americanas e permanece em cativo

---

38 Dados biográficos relevantes podem ser consultados em Abdel Bari Atawn (2015).



entre fevereiro e dezembro de 2004. Em 2006, junta-se ao Estado Islâmico do Iraque na qualidade de juiz e membro do Conselho de *Sharia* da organização.

Em 9 de abril de 2013, al-Baghdadi anuncia a expansão do ‘Estado Islâmico’ para o Sham, designação árabe para a Grande Síria/Levante (MEMRI, 2013). Revelou que o grupo jihadista Jabhat al-Nusra – a Frente de Salvação – era “uma extensão do Estado Islâmico do Iraque” e que o seu líder, Abu Muhammad al-Jawlani, era um “soldado” do EI secretamente enviado para a Síria em finais de 2011 para formar a Jabhat al-Nusra, que rapidamente se transforma num dos mais relevantes grupos rebeldes sunita a combater na guerra civil que alastrava no país de Bashar al-Assad (al-Tamimi, 2013). Por isso, acrescentava al-Baghdadi, o ‘Estado Islâmico do Iraque’ e a Jabhat al-Nusra passavam a ser designados como o ‘Estado Islâmico do Iraque e Sham’ (EIIS/ISIL). Pretendia-se, depois de seis anos de retração, que o EI voltasse a traçar o caminho rumo à criação do califado.

Surpreendentemente, al-Jawlani recusa acatar esta determinação de al-Baghdadi e, um dia depois de al-Baghdadi ter anunciado a fusão, confirma que não dissolverá a Al-Nusra (al-Tamimi, 2013). Para dissipar qualquer dúvida que pudesse restar quanto a este propósito, al-Jawlani “reafirma” o seu juramento de *bay’a* a Ayman al-Zawahiri, líder da Al-Qaeda depois da morte de Osama bin Laden (Abbas, 2016). Com efeito, a Jabhat al-Nusra preserva assim o seu estatuto de filiado sírio da Al-Qaeda ao mesmo tempo que repudia a liderança de al-Baghdadi. A inequívoca tomada de posição de al-Jawlani leva o ‘Estado Islâmico’ a tomar a decisão de se instalar na Síria, imediatamente atraindo milhares de combatentes que abandonavam as fileiras da Al-Nusra.

Para pôr um fim definitivo à contenda, al-Zawahiri, em maio de 2013, emite uma missiva – publicitada pela *Al Jazeera* em junho de 2013 – rejeitando a incorporação da Síria no Estado Islâmico, e, como corolário, ordenando que os dois grupos se mantenham separados nas suas respetivas jurisdições – Estado Islâmico no Iraque e Al-Nusra na Síria (Mortada, 2014). Na ótica de al-Baghdadi, o autoproclamado “comandante dos fiéis”, as indicações de al-Zawahiri eram ilegítimas porque levantavam “numerosas objeções legais e metodológicas” (Bunzel, 2013). Por isso, a 15 de junho de 2013, al-Baghdadi, nitidamente admoestando al-Zawahiri, responde que “o Estado Islâmico do Iraque e Sham iria perdurar”, pelo que não se retiraria das terras para onde expandira; isto é, permaneceria na Síria (Bunzel, 2013)<sup>39</sup>.

Para evitar a ideia que a sua recusa de acatar as indicações da Al-Qaeda era feita a título pessoal, al-Baghdadi afirma que a decisão de desobedecer à liderança da Al-Qaeda fora tomada após consultas ao Conselho de *Shura* e ao Comité de *Sharia* do ‘Estado Islâmico’. Com efeito, as razões que levaram o EI a optar pela rutura com a Al-Qaeda eram várias (Mroue, 2013). Desde logo, acusava-a de estar presa à divisão

---

39 Ver também Radwan Mortada (2013).

do Médio Oriente prevista pelos arranjos territoriais consumadas pelas potências coloniais após o desmembramento do Império Otomano (Bunzel, 2013). Por outro lado, al-Baghdadi sugeria que a missiva de al-Zawahiri efetivamente legitimava a insubordinação da liderança da Al-Nusra, um precedente perigoso que seguramente prejudicaria os mujahadin na região. Também censurava o facto de a missiva ter sido enviada na ausência de consultas às partes, ou, pelo menos, sem auscultação prévia ao EI. E porque ordenava a retirada dos mujahadin da Síria, as indicações de al-Zawahiri contribuíam para o reforço dos inimigos da *jihad* (Bunzel, 2015, p. 22). Com esta afirmação, a Al-Qaeda é, *ipso facto*, caracterizada como um aliado objetivo de al-Assad, dos americanos e dos xiitas.

Chegados a este ponto, o 'Estado Islâmico' empenha-se na consolidação da sua soberania nos territórios sírios que domina. Para este efeito, estabelece tribunais islâmicos para impor a *sharia*. Mas a decisão provoca a contestação de outros grupos jihadistas ativos no terreno, contribuindo assim para aumentar a fragmentação das forças anti-Assad. Em retaliação, no início de janeiro de 2014, vários destes grupos iniciaram uma investida militar contra o 'Estado Islâmico'. Exacerbada a situação, a Al-Qaeda emite, a 2 de fevereiro de 2014, uma declaração a romper definitivamente com o EI – referido como um “grupo” e nunca como um “Estado” (Hubbard, 2014). A Al-Qaeda reiterava que não era “responsável” pelas ações do Estado Islâmico, até porque já não existiam laços orgânicos entre as duas entidades. A antecipada rutura encontrava-se, assim, consumada.

As tensões agudizam-se em meados de 2014, quando al-Zawahiri publicamente clarifica o relacionamento que existira entre a Al-Qaeda e o 'Estado Islâmico'. Zawahiri admitia que o 'Estado Islâmico' fora, de facto, a “sucursal” da Al-Qaeda em território iraquiano. Citando uma troca de correspondência, al-Zawahiri revela que, em 2010, o 'Estado Islâmico' interroga al-Zawahiri quanto à necessidade de “renovar a *bay'a*” à Al-Qaeda<sup>40</sup>. Abu Muhammad al-Adnani, porta-voz do ISIL e seu emir na Síria, responde a al-Zawahiri, acusando-o de falsear os factos. Não nega a veracidade da correspondência citada por al-Zawahiri; diz apenas que se tratava de um modo de trato deferencial para com a liderança da Al-Qaeda. Mais importante declara que o EI “não era, e nunca foi, uma sucursal subserviente da Al-Qaeda”, e que nunca prestara *bay'a* à Al-Qaeda. Não nega a filiação na Al-Qaeda, mas insiste na autonomia histórica do 'Estado Islâmico' relativamente ao grupo de Osama bin Laden e al-Zawahiri. Com efeito, segundo al-Adnani, o 'Estado Islâmico' fora sempre independente dentro das fronteiras do Iraque, apesar de ter deferido para a liderança da Al-Qaeda nos demais teatros jihadistas. Era esta independência que explicava por que razão o EI habitualmente recusava as orientações transmitidas pela Al-Qaeda referentes ao Iraque, incluindo, nas palavras de al-Adnani, a razão

---

40 Sobre esta troca de acusações entre as duas organizações ver Cole Bunzel (2013).

por que nunca atendeu os “frequentes pedidos para desistir de fazer alvos das massas xiitas”<sup>41</sup>. Mas, porque anuiu às exigências da Al-Qaeda fora do Iraque, nunca iniciou operações contra o Irão. As divergências que conduziram à rutura eram, deste modo, confirmadas.

Em junho de 2014, o ‘Estado Islâmico’ voltou a surpreender o mundo. Numa manobra militar vertiginosa, conquistou o Iraque ocidental – os territórios sunitas, incluindo a cidade de Mosul. Perante a investida dos jihadistas, as forças armadas iraquianas implodiram quando um número considerável de oficiais e soldados simplesmente deserta o teatro das operações. No seguimento imediato da sua vitória militar, em 29 de junho de 2014, através de um discurso radiofónico, Abu Muhammad al-Adnani declarou o estabelecimento do califado – o ‘Estado Islâmico’<sup>42</sup>. Cinco dias depois, Abu Bakr al-Baghdadi fez a sua primeira aparição pública na Grande Mesquita de Mosul, onde declara formalmente o califado e se proclama califa (Strange, 2014).

### Conclusão

A emergência do ‘Estado Islâmico’ em 2013 e 2014 deu novo alento ao movimento jihadista, atraindo dezenas de milhares de jovens muçulmanos de todo o mundo para as suas fileiras. Por muito que tenha horrorizado o mundo, a violência sectária que perpetuava no Iraque e na Síria revigorou a organização, permitindo-lhe criar, em junho de 2014, o desejado califado. Dir-se-á que o extremismo ideológico do EI tem, gradualmente, substituído a abordagem mais “moderada” da Al-Qaeda. Com efeito, a rutura entre a Al-Qaeda e o ‘Estado Islâmico’, que continua a ser uma marca da guerra civil a decorrer na Síria, aponta os dois caminhos possíveis para o movimento jihadista no futuro próximo.

Em agosto de 2014, uma coligação internacional liderada pelos Estados Unidos conseguiu travar a ofensiva militar iniciada pelo ‘Estado Islâmico’ meses antes. Mais recentemente, os sucessos da coligação no Iraque, e da aviação russa na Síria, começaram a inverter algumas das conquistas territoriais do ‘Estado Islâmico’. Paradoxalmente, as ações militares ocidentais também reforçam a narrativa jihadista de que as potências estrangeiras, em coluio com os xiitas da região, estão determinados a subjugar os sunitas do Médio Oriente. O acordo nuclear que Washington celebrou com Teerão apenas reforça esta tese conspirativa, hoje tão popular junto das populações muçulmanas dos países árabes.

Contrariamente à Al-Qaeda, o ‘Estado Islâmico’ – mesmo na sua encarnação anterior de AQI –, sempre privilegiou a luta contra o “inimigo próximo”. Esta prioridade levou o EI a exercer domínio sobre um território e a subverter governos nos

---

41 Um desses “pedidos” pode ser encontrado em Mortada (2013).

42 Ver Al Jazeera (2014). A declaração pode ser encontrada em Roggio (2014).

países circundantes ao Iraque. Na sequência da campanha aérea americana, em 21 de setembro de 2014, o porta-voz do 'Estado Islâmico', Abu Muhammad al-Adnani apelou à matança de ocidentais, civis ou militares, em qualquer parte do mundo. Os ataques recentes em Paris e Bruxelas são a consequência de uma viragem estratégica que trouxe uma dimensão verdadeiramente universal à guerra contra o terrorismo. A fase seguinte será, necessariamente, a destruição do proto-Estado criado pelo ISIL no Iraque e na Síria.

De qualquer forma, as sociedades ocidentais continuarão a ser fustigadas por atos terroristas organizados e executados por organizações jihadistas. Porém, de forma a combater mais eficazmente os jihadistas, urge desenvolver um conhecimento aprofundado das semelhanças e diferenças ideológicas que separam e unem os grupos que recorrem à *jihad*. E, sobretudo, urge reconhecer que a violência extrema dos jihadistas não é destituída de sentido quando vista a partir do prisma destes grupos. Dito de forma diferente, não se trata de métodos irracionais por parte de grupos niilistas, mas sim de atos premeditados assentes numa leitura ideológica do mundo coerente que reúne adeptos em grande parte do mundo muçulmano, incluindo nas comunidades muçulmanas acolhidas na Europa.

### Referências Bibliográficas

- Abbas, Y., 2016. Another 'State' of Hate: Al-Nusra's Quest to Establish an Islamic Emirate in the Levant. *Hudson Institute* [online], 29 de abril. Disponível em <http://www.hudson.org/research/12454-another-state-of-hate-al-nusra-s-quest-to-establish-an-islamic-emirate-in-the-levant>.
- Abu-Rabi, I. M., 1996. *Intellectual Origins of Islamic Resurgence in the Modern Arab World*. Albany: State University of New York Press.
- Al Jazeera, 2014. Sunni rebels declare new Islamic Caliphate. *Al Jazeera* [online], 30 de junho de 2014. Disponível em <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2014/06/isil-declares-new-islamic-caliphate-201462917326669749.html>.
- Al Tamimi, A. J., 2013. The Islamic State of Iraq and al-Sham. *Middle East Review of International Affairs*, outono de 2013. Disponível em <http://www.aymennjawad.org/14151/the-islamic-state-of-iraq-and-al-sham>.
- Al Zayyat, M., 2004. *The Road to Al Qaeda: The Story of Bin Laden's Right-Hand Man*. Sterling, VA: Pluto Press.
- Al-Ibrahim, F., 2014. Why ISIS is a threat to Saudi Arabia: Wahhabism's deferred promise. *Al Akhbar English* [Translation from the Arabic Edition], 22 de agosto de 2014. Disponível em <http://english.al-akhbar.com/node/21234>.
- Ansary, T., 2009. *Destiny Disrupted: A History of the World Through Islamic Eyes*. New York: Public Affairs.

- Arnold, A., 1983. *Afghanistan's Two-Party Communism: Parcham and Khalq*. Palo Alto: Hoover Institution Press.
- Associated Press, 2007. Al Qaeda linked group moves to patch up rift among insurgent factions. *Associated Press*, 17 de abril. Disponível em <http://web.archive.org/web/20080127050439/http://www.ihf.com/articles/ap/2007/04/17/africa/ME-GEN-Iraq-Insurgent-Split.php>.
- Atawn, A. B., 2015. A Portrait of Caliph Ibrahim. *The Cairo Review of Global Affairs* nº19, pp. 76-75. Disponível em <http://cdn.thecairoreview.com/wp-content/uploads/2015/10/CR19-BariAtwan.pdf>.
- Axworthy, M., 2013. *Revolutionary Iran: A History of the Islamic Republic*. Oxford: Oxford University Press.
- Azzam, S. A., s.d.. Defense of the Muslim Lands: The First Obligation after Iman. *Religioscope*. Disponível em [http://www.religioscope.com/info/doc/jihad/azzam\\_defence\\_1\\_table.htm](http://www.religioscope.com/info/doc/jihad/azzam_defence_1_table.htm)
- Barzegar, K., 2008. Iran and the Shiite Crescent: Myths and Realities. *Brown Journal of World Affairs*, 15(1), pp. 87-99.
- bin Laden, O., 2008. The Way to Foil the Conspiracies. *Pietervanostaeyen* [online], [transcription] 6 de janeiro de 2008. Disponível em <https://pietervanostaeyen.wordpress.com/2014/11/29/the-way-to-foil-the-conspiracies-by-usama-bin-laden/>.
- bin Laden, O., 2002. Letter to the American People. *Information Clearing House* [online], 24 de novembro de 2002. Disponível em <http://www.informationclearinghouse.info/article6537.htm>.
- bin Laden, O., 1998. Who is bin Laden? Interview with Osama bin Laden. *Frontline* [online], maio de 1998. Disponível em <http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/binladen/who/interview.html>.
- bin Laden, O., 1996. Declaration of War against the Americans Occupying the Land of the Tow Holy Places. *Mid-East Web* [online], agosto de 1996. Disponível em <http://www.mideastweb.org/osamabinladen1.htm>.
- bin Laden, O., 1995. An Open Letter to King Fahd from Osama bin Laden. *Wikisource* [online]. Disponível em [https://en.wikisource.org/wiki/An\\_Open\\_Letter\\_to\\_King\\_Fahd\\_on\\_the\\_Occasion\\_of\\_the\\_Recent\\_Cabinet\\_Reshuffle](https://en.wikisource.org/wiki/An_Open_Letter_to_King_Fahd_on_the_Occasion_of_the_Recent_Cabinet_Reshuffle).
- Braithwaite, R., 2011. *Afgantsy: The Russians in Afghanistan, 1979-89*. New York: Oxford University Press.
- Bray, B. e Darlow, M., 2012. *Ibn Saud: The Desert Warrior Who Created the Kingdom of Saudi Arabia*. New York: Skyhorse Publishing.
- Brisard, Jean-Charles 2005. *Zarqawi: The New Face of Al Qaeda*. Cambridge: Polity Press.
- Bunzel, C., 2016. The Kingdom and the Caliphate: Duel of the Islamic States. *Carnegie Endowment for International Peace*, 16 de fevereiro de 2016. Disponível em [http://carnegieendowment.org/files/CP\\_265\\_Bunzel\\_Islamic\\_States\\_Final.pdf](http://carnegieendowment.org/files/CP_265_Bunzel_Islamic_States_Final.pdf).

- Bunzel, C., 2015. From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State. *Brookings Analysis Paper* nº19. Disponível em <http://www.brookings.edu/~media/research/files/papers/2015/03/ideology-of-islamic-state-bunzel/the-ideology-of-the-islamic-state.pdf>.
- Bunzel, C., 2013. The Islamic State of Disobedience: al-Baghdadi Triumphant. *Jihadica*, 5 de outubro de 2013. Disponível em <http://www.jihadica.com/the-islamic-state-of-disobedience-al-baghdadis-defiance/>.
- Burke, J., 2004. *Al Qaeda: The True Story of Radical Islam*. London: I.B. Tauris.
- Byman, D., 2015. *Al Qaeda, the Islamic State, and the Global Jihadist Movement: What Everyone Needs to Know*. Oxford: Oxford University Press.
- Calvert, J., 2013. *Sayyid Qutb and the Origins of Radical Islam*. Oxford: Oxford University Press.
- Cockburn, P., 2015. *The Rise of Islamic State: ISIS and the New Sunni Revolution*. New York: Verso.
- Cockburn, P., 2008. *Muqtada Al-Sadr and the Battle for the Future of Iraq*. New York: Scribner.
- Coll, S., 2004. *Ghost Wars: The Secret History of the CIA, Afghanistan, and Bin Laden, From the Soviet Invasion to September 10, 2001*. New York: Penguin.
- Coughlin, C., 2010. *Khomeini's Ghost: The Iranian Revolution and the Rise of Militant Islam*. New York: Harper Collins.
- Council on Foreign Relations, 2004. Letter from Musab al-Zarqawi to Osama bin Laden. *Council on Foreign Relations*, 1 de fevereiro de 2004. Disponível em <http://www.cfr.org/iraq/letter-abu-musab-al-zarqawi-osama-bin-laden/p9863>.
- Dallal, Ahmad 2000. Appropriating the Past: Twentieth-Century Reconstruction of Pre-Modern Islamic Thought. *Islamic Law and Society*, 7(1), pp. 325-358.
- DeLong-Bas, Natana J., 2004. *Wahhabi Islam: From Revival and Reform to Global Jihad*. Oxford University Press, USA.
- Eikmeier, D. C., 2007. Qutbism: An Ideology of Islamic-Fascism. *Parameters: US Army War College Quarterly*, 37(1), pp. 85-98.
- Feifer, G., 2010. *The Great Gamble: The Soviet War in Afghanistan*. New York: Harper Perennial.
- Gerges, F. A., 2016. *ISIS: A History*. Princeton: Princeton University Press.
- Gerges, F. A., 2011. *The Rise and Fall of Al-Qaeda*. Oxford: Oxford University Press.
- Gerges, F. A., 2005. *The Far Enemy: Why Jihad Went Global*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Global Security, 2005. Letter from al-Zawahiri to al-Zarqawi. *Global Security* [online], 9 de julho de 2005 [translated version]. Disponível em [http://www.globalsecurity.org/security/library/report/2005/zawahiri-zarqawi-letter\\_9jul2005.htm](http://www.globalsecurity.org/security/library/report/2005/zawahiri-zarqawi-letter_9jul2005.htm).
- Grier, Peter 2004. Iraq's Bin Laden? Zarqawi's Rise. *The Christian Science Monitor*, 14 de maio de 2004. Disponível em <http://www.csmonitor.com/2004/0514/p03s01-usfp.html>.
- Griffin, M., 2016. *Islamic State: Rewriting History*. London: Pluto Press.

- Gunaratna, R., 2002. *Inside Al Qaeda: Global Network of Terror*. New York: Columbia University Press.
- Habib, J. S., 1978. *Ibn Sa'ud's Warriors of Islam: The Ikhwan and Their Role in the Creation of the Sa'udi Kingdom, 1910-1930*. Boston: Brill.
- Hammond, T. T., 1984. *Red Flag over Afghanistan: The Communist Coup, the Soviet Invasion, and the Consequences*. Boulder, CO: Westview Press.
- Hegghammer, T., 2010. *Jihad in Saudi Arabia: Violence and Pan-Islamism since 1979*. New York: Cambridge University Press.
- Hubbard, B., 2014. Al Qaeda Breaks with Jihadist Group in Syria Involved in Rebel Fighting. *The New York Times* [online], 3 de fevereiro de 2014. Disponível em [http://www.nytimes.com/2014/02/04/world/middleeast/syria.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2014/02/04/world/middleeast/syria.html?_r=0).
- Islamic State Times, s.d.. Emir of Martyrs, Shaykh Abu Mus'ab al-Zarqawi. *Islamic State Times* [online]. Disponível em <https://timesofis.wordpress.com/leadership/zarqawi/>.
- Jan, Reza 2011. Al Qaeda Speaks: Statement Confirms Osama Bin Laden's Death. *AEI Critical Threats* [online], 7 de maio, American Enterprise Institute (AEI). Disponível em <http://www.criticalthreats.org/Al-Qaeda/Al-Qaeda-speaks-statement-confirms-osama-bin-ladens-death-may-7-2011>.
- Karagiannis, E., 2014. Defining and Understanding the Jihadi-Salafist Movement. *Asian Security*, 10(2), pp. 188-198.
- Kaufman, R. G., 2007. *In Defense of the Bush Doctrine*. Lexington: The University of Kentucky Press.
- Kepel, G., 2012. *Le Prophète et Pharaon: Les Mouvements Islamistes dans l'Égypte Contemporaine*. Paris: Folio.
- Lacroix, S. L., 2010. *Les Islamistes Saoudiens: Une Insurrection Manquée*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Lewis, B., 2002. *What Went Wrong? Western Impact and Middle Eastern Response*. Oxford: Oxford University Press.
- Lynch, M., 2010. Islam Divided Between Salafi-jihad and the Ikhwan. *Studies in Conflict & Terrorism*, 33(6), pp. 467-487.
- McCants, W., 2015. *The ISIS Apocalypse. The History, Strategy, and Doomsday Vision of the Islamic State*. New York: St. Martin's Press.
- MEMRI, 2013. ISIS Confirms That Jabhat Al-Nusra Is Its Extension in Syria, Declares 'Islamic State of Iraq and Al-Sham' As New Name of Merged Group. *The Middle East Media Research Institute (MEMRI)* [online], 8 de abril de 2013. Disponível em <http://www.memri.org/report/en/0/0/0/0/0/0/7119.htm>.
- Mockaitis, T. R., 2010. *Osama Bin Laden: A Biography*. Santa Barbara, CA: Greenwood.
- Mohammad, N., 1985. The Doctrine of Jihad: An Introduction. *Journal of Law and Religion*, 3(2), pp. 381-397.

- Moin, B., 1999. *Khomeini: Life of the Ayatollah*. New York: St. Martin's Press.
- Mortada, R., 2014. Al-Zawahiri calls on ISIS leader to return to Iraq. *Al-Akhbar English* [online], 3 de maio. Disponível em <http://english.al-akhbar.com/content/al-zawahiri-calls-isis-leader-return-iraq>.
- Mortada, R. 2013. Al-Qaeda's New Orders: Avoid Killing Christians and Shia. *Al-Akhbar English* [online], 10 de outubro. Disponível em <http://english.al-akhbar.com/content/Al-Qaedas-new-orders-avoid-killing-christians-and-shia>
- Mottahedeh, R., 2002. *The Mantle of the Prophet: Religion and Politics in Iran*. Oxford: Oneworld Publications.
- Mroue, B., 2013. Syria and Iraq Al Qaeda Merger Annulment Announced by Ayman Al Zawahri. *Huffington Post* [online], 10 de junho, 3.20 PM. Disponível em [https://web.archive.org/web/20130611193925/http://www.huffingtonpost.com/2013/06/10/syria-iraq-Al-Qaeda-merger-annulment\\_n\\_3415138.html](https://web.archive.org/web/20130611193925/http://www.huffingtonpost.com/2013/06/10/syria-iraq-Al-Qaeda-merger-annulment_n_3415138.html).
- Napoleoni, L., 2005. *Insurgent Iraq: Al Zarqawi and the New Generation*. New York: Seven Stories Press.
- Nasr, V., 2007. *The Shia Revival: How Conflicts Within Islam Will Shape the Future*. New York: W.W. Norton.
- Paraszczuk, J., 2014. Grand Sheikh of Al-Azhar: Islamic State 'Barbaric, Distorts Islam'. *Radio Free Europe | Radio Liberty* [online], 3 de dezembro de 2014. Disponível em <http://www.rferl.org/content/under-black-flag-egypt-sheikh-tayeb/26723627.html>.
- Pool, J., 2004. Zarqawi's Pledge of Allegiance to Al-Qaeda: From Mu'asker al-Battar, Issue 21. *Terrorism Monitor*, 2(24), The Jamestown Foundation. Disponível em [http://www.jamestown.org/single/?tx\\_ttnews%5Btt\\_news%5D=27305#.V0NExce4-t9](http://www.jamestown.org/single/?tx_ttnews%5Btt_news%5D=27305#.V0NExce4-t9).
- Qutb, S., s.d.. *Milestones*. Damascus: Dar Al-Ilm.
- Randal, J., 2005. *Osama: The Making of a Terrorist*. New York: Vintage.
- Rato, V., 2008. A Herança de Bush. *Relações Internacionais* n°19, pp. 33-53.
- Ricks, T. E., 2009. *The Gamble: General Petraeus and the American Adventure in Iraq*. New York: Penguin.
- Riedel, B., 2010. *The Search for Al Qaeda: Its Leadership, Ideology, and Future*. Washington, DC: Brookings Institution Press.
- Roggio, B., 2014. ISIS announces formation of Caliphate, rebrands as 'Islamic State'. *The Long War Journal* [online], 29 de junho de 2014, Foundation for Defense of Democracies. Disponível em [http://www.longwarjournal.org/archives/2014/06/isis\\_announces\\_formation\\_of\\_ca.php](http://www.longwarjournal.org/archives/2014/06/isis_announces_formation_of_ca.php).
- Rollins, J., Coord., 2011. Osama bin Laden's Death: Implications and Considerations. *Congressional Research Service*, 5 de maio de 2011. Disponível em <https://www.fas.org/sgp/crs/terror/R41809.pdf>.
- Sander, N., 2009. *Ibn Saud: King by Conquest*. Vista, CA: Selwa Press.



- Scheuer, M., 2011. *Osama Bin Laden*. Oxford: Oxford University Press.
- Siegel, R., 2003. Sayyid Qutb's America: Al Qaeda Inspiration Denounced U.S. Greed, Sexuality. *National Public Radio (NPR)* [online], 6 de maio, 12:00 AM ET. Disponível em <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=1253796>.
- Springer, D. R., Regens, J. L. e Edger, D. N., 2009. *Islamic Radicalism and Global Jihad*. Washington, DC: Georgetown University Press.
- Stanley, T., s.d.. Abdullah Azzam: The Godfather of *Jihad*. *Perspectives on Worlds History and Current Events (PWHCE)* [online]. Disponível em <http://www.pwhce.org/azzam.html>.
- Stern, J. e Berger, J.M., 2015. *ISIS: The State of Terror*. New York: Harper Collins.
- Strange, H., 2014. Islamic State leader Abu Bakr al-Baghdadi addresses Muslims in Mosul. *The Telegraph* [online], 5 de julho, 3:25 PM BST. Disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/iraq/10948480/Islamic-State-leader-Abu-Bakr-al-Baghdadi-addresses-Muslims-in-Mosul.html>.
- Trofimov, Y., 2007. *The Siege of Mecca: The 1979 Uprising at Islam's Holiest Shrine*. New York: First House.
- Vassiliev, A., 2000. *The History of Saudi Arabia*. New York: New York University Press.
- Wagemakers, J., 2009. A Purist Jihadi-Salafi: The Ideology of Abu Muhammad al Maqdisi. *British Journal of Middle Eastern Studies*, 36(2), pp. 281-297.
- Warrick, J., 2015. *Black Flags: The Rise of ISIS*. New York: Penguin.
- Weaver, M. A., 2006. The Short, Violent Life of Abu Musab al-Zarqawi. *The Atlantic* [online], 8 de junho. Disponível em [http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2006/07/the-short-violent-life-of-abu-musab-al-zarqawi/304983/?single\\_page=true](http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2006/07/the-short-violent-life-of-abu-musab-al-zarqawi/304983/?single_page=true).
- Weiss, M. e Hassan, H., 2015. *ISIS: Inside the Army of Terror*. New York: Regan Arts.
- Wickham, C. R., 2013. *The Muslim Brotherhood: Evolution of an Islamist Movement*. Princeton: Princeton University Press.
- Wiktorowicz, Q., 2006. Anatomy of the Salafi Movement. *Studies in Conflict & Terrorism*, 29(3), pp. 207-239.
- World Islamic Front, 1998. Jihad against Jews and Crusaders. World Islamic Front Statement. *Federation of American Scientists* [online], 23 de fevereiro de 1998. Disponível em <http://fas.org/irp/world/para/docs/980223-fatwa.htm>.
- Wright, L., 2007. *The Looming Tower: Al-Qaeda and the Road to 9/11*. New York: Vintage.
- Zelin, A. Y., 2014. The War between ISIS and Al-Qaeda for Supremacy of the Global Jihadist Movement. *Research Notes* n°20, The Washington Institute for Near East Policy. Disponível em [http://www.washingtoninstitute.org/uploads/Documents/pubs/ResearchNote\\_20\\_Zelin.pdf](http://www.washingtoninstitute.org/uploads/Documents/pubs/ResearchNote_20_Zelin.pdf).